

MAIS VALIA
VOLUNTARIADO EM COOPERAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO
PARA MAIORES DE 55 ANOS



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

MAIS VALIA
VOLUNTARIADO EM
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
PARA MAIORES DE 55 ANOS

[FOTO DA CAPA]

Lichinga, Niassa.

MOÇAMBIQUE, 2013

PROGRAMA GULBENKIAN PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

ADMINISTRADORA

Isabel Mota

DIRETORA

Maria Hermínia Cabral

CONTEÚDOS EDITORIAIS

Elisa Santos

Filipa Guimarães

Sofia Ascenso

FOTOGRAFIAS

Adelaide Ferreira

FEC

Fernando Aidos

Francisco Azevedo Coutinho

Graça Carvalho

Mafalda França

Pedro Gonçalves

DESIGN

Ana Grave

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro, S.A.

MPO

ISBN

978-989-8807-15-1

AGRADECIMENTOS

Equipa do PGPD

Jorge Cardoso

Susana Réfega

Teresa Paiva Couceiro

Voluntários Mais Valia

EDIÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna 45 A, 1067-001 Lisboa, Portugal

+351 21 782 3000

pgpd@gulbenkian.pt

Índice

VOLUNTARIADO SÉNIOR: UM ESPAÇO A PREENCHER

MARIA HERMÍNIA CABRAL

Diretora do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento

pg.6

ENVELHECIMENTO ATIVO: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS NUMA PERSPETIVA EUROPEIA

ROBERTO FALANGA

Investigador no ICS - Universidade de Lisboa

pg.10

MAIS VALIA: UM PROJETO FEITO DE RAIZ

pg.24

Voluntariado Sénior: um espaço a preencher

MARIA HERMÍNIA CABRAL

Diretora do Programa Gulbenkian Parcerias para o Desenvolvimento

O envelhecimento é, sem sombra de dúvida, tema fulcral na agenda do nosso futuro mais próximo; um tema que tem sido alvo de reflexão profunda e que tem gerado orientações em diferentes instâncias que nos interpelam para a alteração de muitos dos nossos paradigmas, tanto ao nível das estruturas políticas, económicas e sociais, como ao nível dos comportamentos individuais e das práticas quotidianas.

Em novembro de 2012, Lazlo Andor, Comissário Europeu para o Emprego, Inclusão e Assuntos Sociais, durante a Conferência Internacional do Envelhecimento e da Inovação, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, salientou a importância de “encorajar uma cultura favorável ao envelhecimento ativo que inclua os mais velhos, ao invés de os excluir – uma cultura que lhes permita desenvolver o seu potencial em vez de se concentrar nas suas fraquezas, e que estimule as suas capacidades em vez de os tratar com condescendência”.

No âmbito daquele evento, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, através do Programa Parcerias para o Desenvolvimento, entendeu lançar o projeto Mais Valia, uma iniciativa que associa o voluntariado e a cooperação, dirigida a profissionais

experientes com mais de 55 anos, para missões curtas a desenvolver nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, gerando, desde logo, muita expectativa e registando uma grande adesão - mais de 364 candidaturas apresentadas. Este era um sinal claro quanto à oportunidade da iniciativa.

Um projeto de voluntariado de competências para maiores de 55 anos comporta inúmeros riscos. Porque não há histórico e o que é novo é, por norma, pouco aceite ou pelo menos, alvo de maior expectativa, se assim lhe podemos chamar; porque a cultura do voluntariado em cooperação é relativamente recente em Portugal e está efervescente, havendo, por isso, muito que aprender com os erros; porque o nosso passado recente é, temos que assumir, condicionador do que pode ser a nossa ação - não podemos escamotear o eventual risco saudosista de um voluntariado em países que foram ex-colónias, feito por uma geração que está ainda muito ligada a estes países; porque os países com que colaboramos têm dinâmicas próprias com alguns riscos de instabilidade que nos obrigam a uma constante reformulação de objetivos e de ações; e porque, acima de tudo, este projeto é feito com pessoas e para pessoas, com toda a diversidade e imprevisibilidade que isso implica.

A consciência da necessidade urgente de intervenção nesta área e do risco que caracterizam o Projeto Mais Valia acompanha-nos desde o primeiro dia e não pode deixar de estar presente nos momentos de avaliação e, ainda menos, deixar de ser alvo de reflexão e partilha com os nossos parceiros e outros interessados neste tipo de intervenção. Por isso, entendemos divulgar o caminho que já fizemos - o processo e as metodologias utilizadas – enformado pela reflexão do sociólogo Roberto Falanga e pelos depoimentos de muitos dos envolvidos – voluntários e instituições. Este documento é por isso um testemunho para que outros não partam da “página em branco” e se possam dar mais e novos passos.

2 concursos realizados

471 candidaturas elegíveis

166 entrevistas realizadas

81 candidatos a formação

62 anos

Média de idades dos candidatos

Divisão por género:

70% mulheres

30% homens

70 voluntários selecionados

65 voluntários ativos

27 missões realizadas

[novembro 2013 e dezembro 2015]

8 parcerias com organizações

para missões



Envelhecimento ativo: experiências e desafios numa perspetiva europeia

« We appear to have a rather “schizophrenic” view of older people as influential and dominant (to the detriment of other population groups) on the one hand and as victims on the other hand »

TIMONEN, 2008

« An overemphasis on civic engagement and volunteering in later life, like the earlier emphasis on productive aging, can contribute to the stigmatization and disempowerment of those elders who fail to meet our criteria for a “good old age”. » MARTINSON AND MINKLER, 2006

ROBERTO FALANCA

Investigador no ICS - Universidade de Lisboa

Fenómenos relacionados com o envelhecimento da população são assunto-chave no debate sociopolítico internacional, na medida em que uma sociedade envelhecida não muda só de referências socioculturais, mas também orienta modelos de consumo e pode chegar a ter um impacto considerável em decisões de ordem política. No entanto, o envelhecimento não é

um fenómeno com características idênticas em todo o mundo e precisa de ser abordado na sua complexidade. Governos e entidades supranacionais, como as Nações Unidas e a União Europeia (*Committee of Regions and Age Platform* 2009; UNECE¹, 2009), têm vindo a pronunciar-se sobre essas mudanças sociais e a promover novas medidas para a cidadania sénior em articulação com o mundo político, económico, social e do terceiro setor. O meio científico, por sua vez, tem vindo a prestar cada vez mais atenção aos diversos fenómenos do envelhecimento e a contribuir - dentro de uma rede de novos atores institucionais e da economia - com novas problemáticas, bem como com soluções sustentáveis.

A geração dos *baby-boomers* (pessoas nascidas após a 2.^a guerra mundial e criadas num contexto geral de bem-estar económico) tem ganho uma expectativa de vida que ultrapassa grandemente as gerações anteriores.

Focando-nos no contexto europeu, o aumento da longevidade deve-se principalmente a progressos no domínio da saúde e da qualidade de vida. O aumento da população sénior relaciona-se também com a diminuição das taxas de natalidade, devendo-se esta tendência, entre outros fatores, a dificuldades de inserção no mundo do trabalho, a custos da vida elevados num contexto de crise económica, ao aumento da idade de casamento e a novas formas de composição familiar que não exclusivamente a nuclear (WHO, 2002; Eurostat, 2012).

Espera-se assim, um aumento exponencial do número de cidadãos seniores e uma mudança consistente na capacidade económica e de consumo, no bem-estar psicofísico e na possibilidade destes se manterem ativos no mundo do trabalho e de se deslocarem para outros países.

¹ United Nations Economic Commission for Europe (UNECE)



Príncipe.
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2014

OS SIGNIFICADOS DO ENVELHECIMENTO

A complexidade que caracteriza os fenômenos relacionados com o envelhecimento da sociedade reclama uma reflexão profunda sobre os seus múltiplos significados. Se, por um lado, falar de cidadania sénior revela a existência de um grupo que se caracteriza em termos de idade (que, no geral, se refere aos maiores de 65 anos), por outro, os cidadãos seniores não deixam de ser membros de uma sociedade em que peculiaridades e diferenças pessoais ultrapassam o mero cálculo etário. A grande diversidade que caracteriza os seniores não deixa, no entanto, de se comprometer com, pelo menos, dois fatores comuns: o primeiro é o *idadismo*, ou seja, o estigma social produzido e reproduzido ao longo das últimas décadas, onde atitudes discriminatórias não conhecem barreiras e tendem a homogeneizar os maiores de 65 anos com base na idade; o segundo relaciona-se com a falta de promoção de medidas públicas dirigidas aos cidadãos seniores.

No seio das teorias científicas das últimas décadas, é possível destacar duas atitudes com que o envelhecimento pode ser tratado, que refletem, *grosso modo*, duas grandes famílias de abordagens.

Uma primeira é a que deriva das chamadas teorias do “*desengagement*” que têm posto ênfase em fenômenos de afastamento do indivíduo da sociedade, que tendem a aumentar com a idade. Os problemas relacionados com debilidade física e mental e a viuvez são, entre outros, encarados como os inelutáveis “ritos de passagem” do envelhecimento que suportam estas teorias. Não é de estranhar que esta perspetiva possa ter reforçado, em muitos casos, uma visão do envelhecimento como fase passiva da vida e de dependência do Estado.

Em resposta a este conjunto de teorias, tem vindo a ganhar visibilidade e reconhecimento uma segunda abordagem que, nos últimos anos, põe particular ênfase nos recursos dos cidadãos seniores e na possibilidade de continuarem ativos. As denominadas teorias

do “envelhecimento ativo” argumentam com a existência de fatores de natureza social, política, económica e cultural, condicionantes de dependência desta população, contestando assim o *desengagement* de responsabilidade individual.

Nesta linha, para denunciar e combater o *idadismo* seriam necessárias políticas públicas capazes de desconstruir por dentro as atitudes discriminatórias e de responder a necessidades deste grupo social. Políticas públicas a desenvolver, por exemplo, nas áreas do trabalho, das condições de reforma, das contribuições ao Estado e da segurança social e, ainda, nas áreas da promoção da saúde e, mais em geral, da promoção da qualidade de vida.

MAS O QUE É EXATAMENTE O ENVELHECIMENTO ATIVO?

Com base na diversidade que caracteriza os seniores — em termos de capacidades, necessidades, *status* socioeconómico, disponibilidade e vontade de participação na vida social —, as teorias do “envelhecimento ativo” têm enfatizado sobretudo os “recursos”, por contraponto à retórica dos “limites etários” já que não são obstáculos fixos, mas sim construções sociais, políticas e económicas, contra as quais é preciso desempenhar um papel proactivo para as ultrapassar. Entre as barreiras mais comuns a um envelhecimento ativo estão os baixos níveis educativos, os escassos recursos económicos e o isolamento social.

Ser-se ativo implica não apenas ter condições físicas e socioeconómicas adequadas para lidar com a própria vida, mas também contribuir ativamente para o bem-estar de toda a sociedade, como é o caso de seniores com mobilidade reduzida que, nem por isso, deixam de poder desempenhar um papel fundamental nas famílias e com outros membros da comunidade. A Organização Mundial da Saúde, a este propósito, salienta a necessidade de envolver seniores com necessidade de suporte técnico ou humano no desempenho de atividades rotineiras



Cacheu.
GUINÉ-BISSAU, 2015

do dia-a-dia (WHO, 2001). O envelhecimento ativo é ainda definido como processo de otimização de oportunidades com vista a aumentar a qualidade de vida principalmente nos âmbitos da saúde, da segurança e da participação social e cívica.

Neste contexto, o *Ano Europeu para o Envelhecimento Ativo*, em 2012, revelou-se um “momento político” muito importante que conseguiu sensibilizar governos, entidades e agências do terceiro setor para adotarem novas medidas para o envelhecimento. Uma acrescida consciência crítica sobre os fenómenos do envelhecimento tem permitido uma progressiva viragem dos discursos políticos no que concerne a um maior envolvimento destes cidadãos na vida social, económica, cultural e à conseqüente tomada de decisão política. Ainda assim, a participação dos cidadãos seniores precisa de maior observação crítica e maior esforço operativo para se tornar uma realidade consolidada na Europa. A UNECE propõe uma análise da participação sénior enquadrando-a com os temas da atomização social e a exclusão do mundo do trabalho, do universo dos afetos familiares e sociais, bem como da tomada de decisão política (*ibidem*, 2009). Essa participação sénior debruça-se assim em três macro áreas: contribuição ativa através de trabalho remunerado ou voluntário (participação económica); integração nas redes familiares, comunitárias e sociais para uma melhor qualidade de vida (participação social); envolvimento nos processos políticos (participação política).

Importa, contudo, que a própria abordagem do envelhecimento ativo considere os limites intrínsecos da participação para não a tornar um novo motor de exclusão social. Quando a promoção do envelhecimento ativo não tem em conta fenómenos de marginalização dentro da própria cidadania sénior, corre o risco de se tornar um *boomerang* e afastar sujeitos que vivem à margem da sociedade. Ou seja, quando o envelhecimento ativo se transforma em retórica da participação, pode discriminar mais do que as atitudes “*idadistas*”, agindo contra quem não pode, não consegue ou não se quer envolver. (Thornton, 2000; Moriarty *et al.*, 2007).

VOLUNTARIADO SÉNIOR: QUE TIPO DE PARTICIPAÇÃO?

A participação da cidadania sénior, dentro de iniciativas de voluntariado, tem uma série de benefícios tanto individuais como para grupos organizados. Do ponto de vista individual, os cidadãos seniores podem aumentar a autoestima, obter mais informação e consciência de problemas e oportunidades, melhorar a capacidade de expressão, sair de zonas de vulnerabilidade, criar redes com os seus pares, melhorar as próprias atitudes perante o envelhecimento, etc. Quando os cidadãos se organizam em grupos acrescentam visibilidade e reforçam a sua posição face à sociedade, adquirem um *status* mais forte perante instâncias de decisão, tornam-se parceiros estratégicos na definição de intervenções e políticas públicas e, por fim, fortalecem as redes já existentes com outros grupos e associações. Contudo, continuam a existir barreiras de natureza sociopolítica que podem dificultar este envolvimento, como sejam a escassez de medidas direcionadas para as pessoas seniores, o baixo interesse social e político ou até as formas de resistência à cultura participativa por parte de decisores políticos que podem, desta forma, prejudicar a promoção do envelhecimento ativo.

No centro das medidas para o envelhecimento ativo, o voluntariado é considerado uma forma de participação no mundo do trabalho não remunerado e em prestação de cuidados. Como característica geral, os voluntários seniores apresentam altos níveis de educação e de *status* socioeconómico. Geograficamente encontram-se tipologias e envolvimento diferenciados. Além do número efetivo – ainda que relativamente baixo – de organizações que disponibilizam trabalho voluntário sénior na Europa, existe, ao nível da escolha pessoal, uma relação entre esta decisão e o envolvimento, anterior à aposentação, em atividades de voluntariado e outras de caráter assistencial. Na Europa do Norte, as taxas de voluntariado são particularmente altas, sobretudo na Suécia, Holanda e Alemanha. Na Europa do Sul, o voluntariado

sénior desenvolve-se mais na área dos serviços a longo-termo e com escassa mobilidade dos sujeitos.

A decisão de compromisso com atividades de voluntariado deriva de diversas razões. Às motivações “altruístas” - relacionadas com o desejo de ajudar os mais necessitados, de servir as gerações futuras, de ligar as pessoas na comunidade, de devolver ajudas recebidas, de cumprir obrigações morais -, associam-se, em muitos casos, motivações “egoístas”, como a procura de mais contactos sociais, o desejo de se manter produtivo e ativo para melhorar a qualidade de vida, o aumento das próprias capacidades, o prazer e a satisfação que advêm das atividades de voluntariado e também a necessidade de acrescentar reconhecimento social (Principi *et al.*, 2012). Entre os efeitos benéficos indicados pelos estudiosos neste âmbito, e pelo equilíbrio destas duas linhas motivacionais, destaca-se uma evidente melhoria das condições de saúde psicofísica dos voluntários.

É importante realçar o papel político do voluntariado que nunca se relaciona meramente com situações pontuais, mas que se inscreve num contexto socio-histórico específico. Atualmente, um dos pontos críticos na discussão do voluntariado prende-se com o seu papel dentro do cenário de crise dos serviços públicos. O risco do voluntariado se tornar uma estratégia económica e política para apoiar ou até cumprir condições de desigualdade é apontado por vários estudiosos (Martinson and Meredith, 2006). Não obstante a difusão de modelos de empresa social, vocacionados para novas aprendizagens no setor do voluntariado, as barreiras que mais podem dificultar a entrada de novos voluntários estão geralmente relacionadas com a escassez de oportunidades, a pouca preparação das Organizações Não Governamentais para acolher voluntários seniores, fenómenos de discriminação social, escasso debate sobre políticas para a cidadania sénior e a tendência geral de reproduzir modelos de caridade.



Benguela.
ANGOLA, 2015

O PROJETO MAIS VALIA

Uma última nota sobre o “Mais Valia”, projeto promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e que representa uma experiência de particular interesse no âmbito do voluntariado sénior.

O projeto “Mais Valia” responde ao desafio lançado a nível internacional no que concerne a propostas de voluntariado capazes de integrar saberes consolidados com novas competências. A este respeito, o modelo formativo do projeto tem demonstrado ser uma das chaves do seu sucesso.

Este projeto não só representa uma exceção ao que se vem fazendo na Europa em termos de duração, a média geral é centrada em atividades de longo prazo, como também na proposta de deslocação que raramente se aplica na Europa do Sul, onde as ações realizadas têm lugar na área de residência e não implicam saídas prolongadas.

Por fim, é de realçar o envolvimento em primeira linha de uma instituição como a Fundação Calouste Gulbenkian no desenvolvimento do projeto, um caso raro na Europa, de implicação direta de uma instituição de assumido cariz social em ações de voluntariado sénior.

Referências Bibliográficas

- Age Platform Europe (2010), Introduction to the European Institutions and the European Union Policy-Making Processes of relevance to older people, Brussels
- Barnes, Marian (2005), The same old process? Older people, participation and deliberation, *Ageing and Society*, 245-259
- Eurostat (2012), Active ageing and solidarity between generations. A statistical portrait of the European Union 2012, Brussel
- Martinson, Marty; Minkler, Meredith (2006), “Civic engagement and Older Adults: a Critical Perspective”, *The Gerontologist*, 46, 3, 318-324
- Moriarty, Jo; Rapaport, Phillip; Beresford, Peter; Branfield, Fran; Forrest, Vic; Manthorpe, Jill; Martineau, Stephen; Cornes, Michelle; Butt, Jabeer; Iliffe, Steve; Taylor, Brian; Keady, John (2007), Practice guide: the participation of adult service users, including older people, in developing social care, UK: Social Care Institute for Excellence: www.scie.org.uk
- Principi, Andrea; Chiatti, Carlos; Lamura, Giovanni; Frerichs, Frerich (2012), “The engagement of Older People in Civil Society Organizations”, *Educational Gerontology*, 38: 2, 83-106
- Thornton, Patricia (2000), Older people speaking out. Developing opportunities for influence, York: Joseph Rowntree Foundation
- Timonen, Virpi (2008), *Ageing Societies: A Comparative Introduction*, London: McGraw Hill Open University Press
- UNECE United Nations Economic Commission for Europe (2009), Integration and participation of older persons in society, Policy Brief on Ageing, 4, 1-12
- WHO World Health Organization (2001), *International Classification of Functioning, Disability and Health*, Geneva, Switzerland
- WHO World Health Organization (2002), *Active Ageing: A Policy Framework*. WHO/NMH/NPH/02.8.



Songo, Tete.
MOÇAMBIQUE, 2015

Mais Valia: um projeto feito de raiz

O lançamento do Mais Valia surgiu da observação de alterações sociais no contexto europeu e na sociedade portuguesa. Por um lado, o aumento da esperança de vida e a emergência de uma faixa populacional profissionalmente descomprometida, com competências intelectuais e profissionais relevantes e com disponibilidade para desempenhar um papel social ativo; por outro, as alterações económicas com impacto na disponibilidade de recursos das Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD), em particular as que atuam nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa).

Após o seu envolvimento nas atividades do Ano Europeu do Voluntariado e no Ano do Envelhecimento Ativo, a Fundação Calouste Gulbenkian, entendeu iniciar um projeto piloto que pudesse ensaiar uma resposta inovadora à ausência de oferta de voluntariado dirigido à faixa etária acima dos 55 anos e que se destinasse aos PALOP. Para tal, projetou a

“Estes voluntários fazem cada vez mais sentido em organizações que por um lado querem ser profissionais mas em paralelo querem ter a capacidade de questionar aquilo que vão fazendo. Eles trazem essa capacidade de colaborar, mas também de fazer perguntas com um olhar que está menos viciado.”

SUSANA RÉFEGA, FUNDAÇÃO FÉ E COOPERAÇÃO

criação de uma **BOLSA DE VOLUNTÁRIOS** que aliasse a disponibilidade, sabedoria e experiência de uma população em plenas faculdades, às necessidades, devidamente identificadas, de projetos de desenvolvimento, passíveis de serem colmatadas através da realização de ações de voluntariado em missões de curta duração no estrangeiro. No essencial, esta iniciativa desenhou-se para responder à disponibilidade de recursos humanos com competências e às necessidades de reforço das ONGD, em áreas e atividades específicas. A resposta, por ser inovadora, não poderia ser encontrada apenas dentro da Fundação Calouste Gulbenkian, requerendo a intervenção e o trabalho conjunto de diferentes parceiros na elaboração do projeto, na sua implementação e na sua avaliação.

O voluntariado não é, em si mesmo, um tema consensual. São inúmeras as controvérsias em torno da definição de gratuidade, da utilização do voluntariado na ocupação de postos de trabalho e do compromisso do voluntário na execução das tarefas atribuídas. Como ponto de partida, teve-se em conta o definido na **LEI 71/98**, tanto no que se refere à definição de voluntariado, como aos seus princípios enquadramentos.

Em tempo de crise económica e em presença de taxas de desemprego consideráveis e transversais a todas as faixas etárias e aos diferentes graus académicos, a proposta de um voluntariado técnico realizado por profissionais, na sua maioria em situação de aposentação, deve

ARTIGO 2.º VOLUNTARIADO

1 — Voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade (>)



Príncipe.
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2015

acautelar alguns princípios essenciais. No caso específico das ações a realizar em Países em Desenvolvimento, a preocupação não se limita à “canibalização” do mercado com a substituição de profissionais por voluntários, mas também com a possibilidade de se estarem a substituir quadros locais ou a limitar a sua formação, acentuando a dependência de recursos humanos externos. Com este cuidado, foram definidas as missões a realizar por este voluntariado, no que se refere à sua duração (cerca de dois meses) e ao tipo de tarefas a executar (intervenções “cirúrgicas”, com objetivos definidos, associadas ao reforço de competências).

Numa lógica de reflexão conjunta, partilha de experiências e coresponsabilidade, realizaram-se reuniões com diversas **ONGD** para as auscultar sobre necessidades concretas. A elaboração do modelo de funcionamento deste projeto, a candidatura *online*, a avaliação das candidaturas e a formação dos candidatos foram alvo de diálogo com instituições parceiras e com técnicos de diferentes áreas. Riscos específicos, associados ao contexto histórico e geracional desta faixa etária - como a possibilidade de relações familiares e afetivas com os PALOP, a in experiência em ações de cooperação ou em temáticas ligadas ao desenvolvimento – foram igualmente equacionados em reuniões conjuntas e devidamente ponderados, tendo em vista criar uma bolsa de voluntariado especializado, disponível para projetos de cooperação com ONGD portuguesas e com parceiros dos PALOP.

(>) desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas. 2 – Não são abrangidas pela presente lei as atuações que, embora desinteressadas, tenham um caráter isolado e esporádico ou sejam determinadas por razões familiares, de amizade e de boa vizinhança.

“A competência é reforçada pela predisposição para se colocarem ao serviço, para o que for preciso, onde for mais preciso. Há uma atitude livre e segura para encarar novos projetos que nos dá a nós, que recebemos os Mais Valia, uma segurança diferente e mais sustentada.”

**TERESA PAIVA COUCEIRO,
FUNDAÇÃO GONÇALO
DA SILVEIRA**

“Na entrevista as pessoas insistiam que a África não é nada romântica, que havia dificuldades. A entrevista não era ‘facilitadora’.”

**ISABEL AMORIM,
VOLUNTÁRIA**

A candidatura *online* acabaria por se revelar o sistema mais adequado já que o meio de comunicação (formulário e e-mail) colocava em igualdade de circunstâncias todos os candidatos, independentemente da sua localização geográfica, dentro do território nacional.

SELEÇÃO DE VOLUNTÁRIOS

O processo de candidatura e seleção dos voluntários foi acompanhado por uma equipa com diferentes valências. Numa primeira fase de seleção, para além das informações do formulário *online*, a equipa de seleção analisou também as cartas de motivação e os currículos, elementos indispensáveis à candidatura. Foram relevantes, nesta fase, as competências académicas e profissionais indicadas e as motivações de fundo apontadas. Igualmente relevantes foram as condições físicas e de saúde indicadas pelos candidatos.

A segunda fase de seleção foi efetuada através de entrevistas, realizadas por um **JÚRI** de três elementos e destinou-se a aferir o ajuste das expectativas dos candidatos no que se referia ao seu contributo em missões de curta duração e às suas motivações para integrar a bolsa de voluntários. De notar que o Mais Valia visa alocar competências a necessidades específicas identificadas pelos parceiros locais e não a criar missões e necessidades para as competências dos voluntários. Desta forma, na seleção dos candidatos, nas diferentes fases, teve-se sempre em atenção a probabilidade do candidato



Neves.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, 2014

vir a ser solicitado por uma instituição parceira para um projeto de desenvolvimento.

A terceira fase consistiu numa **FORMAÇÃO INTENSIVA**, em regime de residência, durante dois dias e meio. Um grupo de especialistas integrou o programa de formação, realizando seminários temáticos, promovendo a aproximação a alguns dos conceitos mais importantes da cooperação para o desenvolvimento e estimulando um posicionamento crítico e fundamentado. Metodologicamente foram utilizadas apresentações expositivas, dinâmicas corporais, trabalhos de grupo e plenários de discussão.

A formação foi desenhada no sentido de possibilitar conhecimentos específicos aos candidatos e, simultaneamente, constituir-se como uma **FERRAMENTA DE AUTOAVALIAÇÃO** (considerando os objetivos das missões e o que estas podem requerer de cada indivíduo) e de avaliação da equipa responsável pelo projeto. Nesse sentido, garantiu-se uma abordagem global considerando as dimensões psicológica e motivacional dos candidatos. Um núcleo fixo de três formadores, presente em todos os momentos, garantiu a uniformidade de conceitos e a articulação dos conteúdos.

SELEÇÃO DE PARCEIROS E PROJETOS

O contacto e o conhecimento dos parceiros locais, a seleção de projetos de acolhimento e o enquadramento das missões nos mesmos, são fases importantes que antecedem a saída do voluntário.

“Acho que é absolutamente necessário passar por essa fase e tendo presente que a formação é também eliminatória. Da formação se depreende a nossa forma de estar, de encarar alguns problemas. Nós durante a formação somos também postos à prova”

**ADELAIDE FERREIRA,
VOLUNTÁRIA**

“Na primeira sessão, o principal objetivo consistiu em refletir e debater em conjunto ideias associadas ao Desenvolvimento, incluindo o questionamento que se faz sobre a sua validade e pertinência, procurando ajudar os formandos a ganharem uma maior consciência sobre o seu posicionamento e opinião em relação a este assunto. Em geral parece-me que serão voluntários com um melhor conhecimento de si próprios, daquilo que realmente pretendem, das suas qualidades e limitações.”

JORGE CARDOSO, FGS

A par da obtenção de compromissos por parte dos parceiros, no que se refere ao acolhimento do voluntário, este trabalho prévio visa assegurar a qualidade e os resultados da missão. Para parceiros do Mais Valia são selecionadas organizações e outras entidades com trabalho reconhecido, atestado por instituições locais e por organismos nacionais e internacionais como o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P., as delegações da U. E. ou as Embaixadas de Portugal nos diferentes países.

A tipologia das intervenções tem privilegiado a capacitação e atualização profissional de técnicos, bem como o reforço de formação em áreas específicas. A realização de missões exploratórias, de diagnóstico, com vista a futuros projetos, ou de avaliação são também possibilidades que o Mais Valia oferece e que se tem revelado um importante contributo para a reflexão estratégica das ONGD.

Os projetos de cooperação e a proposta de missão são apresentados pelos parceiros e são analisados tendo presente o pressuposto de reforço das instituições locais sem a criação de situações de dependência ou substituição. A seleção de um voluntário da bolsa tem por base o perfil de competências definido pela organização parceira, seguindo-se um processo de contactos que possibilitam o envolvimento mútuo, o entendimento do que se pretende com a missão e, finalmente, a definição dos termos de referência para a realização da missão. Este processo implica o conhecimento da instituição que acolhe o voluntário, da sua estratégia de intervenção e do reconhecimento da sua atividade



Ilha do Maio.
CABO-VERDE, 2014

no terreno. Implica igualmente o envolvimento da organização na **PREPARAÇÃO DO VOLUNTÁRIO** para o que será a sua missão, a integração na equipa e nos procedimentos, adesão à missão e valores da organização ou instituição de acolhimento que o voluntário irá integrar e representar.

É celebrado um contrato tripartido (Fundação Calouste Gulbenkian, organização parceira e voluntário) que explicita os termos de referência da missão, o calendário da sua execução e os resultados a atingir, para além dos direitos e deveres dos intervenientes.

A elaboração de um relatório final tem-se revelado uma ferramenta fundamental para a avaliação do trabalho executado e para a análise posterior de impacto das missões. O curto período de estadia, a intensidade de trabalho e consequente entrega do voluntário às atividades que estão definidas para a missão, obrigam a que o período de análise sobre os resultados da missão seja diferido. A existência de termos de referência prévios facilitam essa análise através de resultados tangíveis que depois são integrados com impactos emocionais e de caráter pessoal, equilibrando a avaliação da missão realizada.

DEPOIS DA MISSÃO

É no acolhimento do voluntário após o seu regresso e na **ANÁLISE CONJUNTA DO RELATÓRIO E DOS RESULTADOS DA MISSÃO** que se têm vindo a consolidar as relações entre as organizações e os voluntários.

“Levei na bagagem material fornecido pela Câmara Municipal do Maio, o PDM e um estudo muito interessante sobre o inventário de todas as construções na ilha. Foi para colaborar na realização de estudos sectoriais que a minha colaboração foi perdida”

ISABEL SAAVEDRA TEIXEIRA, VOLUNTÁRIA

“O Hospital Rural do Songo recebeu o primeiro grupo de três voluntários do Programa Mais Valia. A atividade desenvolvida por cada um na sua área foi muito positiva e apreciada por todos os profissionais de saúde.”

ELISA GUNDANA, HOSPITAL RURAL SONGO

“A minha pertença ao Mais Valia tem sido uma Mais Valia de aprendizagens. Lá, quando estou em África, cá quando dou continuidade à relação com a ONGD que me integrou e agora me deu a oportunidade de trabalhar com outros intervenientes, que numa manifesta cultura de trabalho em rede, acrescentaram contributos facilitadores da melhoria do trabalho já feito, possibilitando também que um número mais alargado de crianças da província do Niassa possa vir a beneficiar do ensino pré-escolar.”

MAFALDA FRANÇA, VOLUNTÁRIA

A criação e manutenção de laços de **COLABORAÇÃO ENTRE AS ONGD** e a sociedade civil, nomeadamente através de um voluntariado técnico e experiente, foi, desde o início, um objetivo do Mais Valia. Por um lado, espera-se reforçar competências das ONGD e, por outro, trazer para a sociedade civil, ainda que de forma lenta e muito personalizada, um conhecimento e reconhecimento do trabalho que é realizado ao nível da cooperação para o desenvolvimento.

A sustentabilidade futura do Mais Valia não depende somente de recursos financeiros. Reside, antes de mais, no fortalecimento destes laços e na abertura de novos canais de comunicação entre organizações da sociedade civil e os cidadãos que não estão ainda integrados nessas organizações, mas que, inexoravelmente, são parte da sociedade.

A inovação que está associada ao acolhimento destes voluntários dentro das ONGD depara-se com a habitual resistência ao “investimento” em algo de que ainda não se conhecem resultados. Após dois anos de envio de voluntários, e tendo em conta o alargado leque de intervenientes e contributos, é já possível confirmar que este tipo de parcerias é uma resposta a diferentes necessidades com impactos positivos relevantes, nomeadamente no que se refere à manutenção de laços colaborativos entre ONGD e voluntários. É também possível antever a necessidade de chamar à ação outros intervenientes institucionais como autarquias, ministérios e outros organismos oficiais que possam, pelo seu envolvimento, captar a atenção de outras organizações, alargando a experiência para diferentes territórios – geográficos e de intervenção.



LISBOA, 2013

CONVERSAS COM MAIS VALIA

A formação e informação dos voluntários constitui-se como um dos maiores investimentos do projeto Mais Valia. Desde o início do projeto tem vindo a realizar-se um conjunto de conversas informais com um leque alargado de convidados que, a partir de um tema específico, discutem as questões do desenvolvimento, da cooperação internacional e da responsabilidade global. A pluralidade de abordagens técnicas - económicas, sociais, históricas, políticas - tem possibilitado a "formação contínua" do grupo, criando uma opinião mais informada e crítica. Desta forma, é dada aos voluntários Mais Valia a oportunidade de se tornarem agentes de intervenção também ao nível nacional, ao disporem de informação atualizada, contactando com interlocutores de referência nas diferentes áreas temáticas, estimulando-se a sua participação em ações e fóruns relacionados com as temáticas da Cidadania Global.

No momento em que se assinam novos compromissos de âmbito global visando objetivos de justiça, equidade e prosperidade, o projeto Mais Valia ganha uma nova pertinência. O exercício da cidadania ativa reclamado pela população sénior não pode ser olhado exclusivamente como um direito; é também um dever que se desenha como fundamental para um futuro comum baseado na dignidade e na sustentabilidade.

Lisboa, 2015

VOLUNTÁRIOS

Amália Fernandes | Ana do Carmo Lopes | Ana Maria Feio | Ana Paula Correia | Angelina Pereira | Ângelo Gomes Couto Soares | António Carrilho Oliveira | António M. S. Raposo | António Velhinho Pereira | Carlos Santos Jorge | Carmen Monteiro | Custódia Casanova | Edite Maria da Silva Morujão | Edmundo Baptista Cardeira | Fernando Aidos Cruz | Fernando Vasco Marques | Francisco Almeida | Francisco Azevedo Coutinho | Francisco Macedo | Isabel Amorim Santos | Isabel Maria Godinho | Isabel Martins | João Manuel dos Santos Rosa | José Oliveira Duarte | Laurinda Moreira | Leonida dos Santos Milhões | Lincoln Justo da Silva | Luís Filipe Silva | Luisa Pereira | Maria do Carmo A. M. Marques Lito | Maria Adelaide Ferreira | Maria Berta Marques Burstorff da Silva | Maria Cecília Monteiro | Maria Conceição Melo | Maria Conceição Nasi | Maria da Conceição B. R. Andrade | Maria do Rosário A. P. de Athayde | Maria do Rosário D. de Almeida d'Eça | Maria Dulce Barata | Maria Fernanda Cardoso Antunes | Maria Fernanda Gomes | Maria Gabriela Sousa | Maria Graça Carvalho | Maria Graciela Pinheiro | Maria Helena Coelho | Maria Isabel Teixeira | Maria José Matos | Maria Júlia Cordas | Maria Lavinia F. Epifânio da França | Maria Lurdes Ferreira | Maria Lurdes Silva | Maria Mafalda Pedro | Maria Manuela de Lemos Santos Silva | Maria Manuela Santos | Maria Manuela Valério Tomás | Maria Manuela Vitório | Maria Paula Bacelar | Maria Paula M B Azeredo | Maria Rosa Afonso | Maria Rosa Ferreira | Maria Salomé Gonçalves | Maria Teresa Machado | Maria Teresa Menezes | Maria Teresa Neto | Maria Teresa Santos | Paula Costa Serra | Pedro Coutinho | Pedro Manuel S. B. Gonçalves | Raul Gaião | Rui Pedro C. N. Petrucci

PARCEIROS

FEC - Fundação Fé e Cooperação | Fundação Gonçalo da Silveira | HBD - Here Be Dragon | Hospital Rural do Songo / REN - Rede Elétrica Nacional | Instituto Marquês de Valle Flor | Leigos para o Desenvolvimento | Mundo a Sorrir | Vida - Voluntariado Internacional Desenvolvimento Africano



LISBOA, 2015



 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

Cuamba, Niassa.
MOÇAMBIQUE, 2014

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna 45A
1067-001 Lisboa
www.gulbenkian.pt

pgpd@gulbenkian.pt



MAIS VALIA
VOLUNTARIADO
EM COOPERAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO
PARA MAIORES DE 55 ANOS

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
PARCERIAS PARA O DESENVOLVIMENTO

REALIZAÇÃO, IMAGEM, SOM E MONTAGEM Cláudia Alves
COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO Elisa Santos, FCG | Sofia Ascenso, FCG
COM A PARTICIPAÇÃO DE Adelaide Ferreira, Voluntária Mais Valia
| António Pereira, Voluntário Mais Valia | Carmo Fernandes,
Leigos para o Desenvolvimento | Fernando Vasco, Voluntário
Mais Valia | Isabel Amorim, Voluntária Mais Valia | Maria Elisa
Santos, FCG | Maria Hermínia Cabral, FCG | Maria João Santos,
Leigos para o Desenvolvimento | Susana Réfega, FEC
AGRADECIMENTOS Gustav Mahler Jungendorchestra
| Ensaios durante a digressão | Páscoa 2015 |
Francisco Sassetti